

A RELAÇÃO COM O SABER ESCOLAR DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Simone Grace de Paula¹

Natalino Neves da Silva²

RESUMO

Este estudo tem como intenção refletir sobre as dimensões educativas do trabalho escolar enfatizando a relação de jovens estudantes de uma escola pública estadual de Ensino Médio com o saber escolarizado. Interessou-nos apreender como esse “novo público” se relaciona com o saber escolar. A pesquisa revelou que o perfil dos jovens estudantes hoje presente no ensino médio é diverso e heterogêneo. A presença desses novos alunos em um nível de ensino antes elitizado, resulta do processo de expansão em curso devido às políticas públicas educacionais de universalização do Ensino Médio. Contudo, verificou-se que a abertura da escola para as classes populares não eliminou as desigualdades entre os estudantes, determinadas por idade, sexo, classe econômica, cor/raça, condições familiares, entre outras categorias. Nesse contexto, as questões centrais que nortearam a investigação foram: a) como os jovens estudantes inseridos no ensino médio relacionam-se com o saber escolar? Em que medida a relação com os saberes escolares articulam-se com as suas expectativas formativas, sociais e profissionais? A relação com o saber (CHARLOT, 1996; 2000; 2001; 2005), constitui a noção central de análise nesta parte da pesquisa, uma vez que o enfoque dado recai sobre a função social e, específica da escola, de transmissão do saber intelectualizado, o que pode gerar desigualdades, visto que os jovens hoje estão presentes nos processos de escolarização não são os “herdeiros”, e se relacionam com o saber de forma diferenciada. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa qualitativa no ano de 2010 que teve como procedimento de coleta de dados a observação de 2 salas de aulas (turmas do 1º e 3º ano), entrevistas semiestruturadas (8 jovens) e estruturada (262 alunos). A análise dos dados nos revelou que a relação com o saber dos jovens das turmas do primeiro e do terceiro ano se diferenciam. Enquanto os estudantes do primeiro ano buscam com mais afinco a “sobrevivência” até o segundo ano do ensino médio, demonstrando relações de cooperação e de solidariedade, percebe-se em contrapartida que, de forma menos “amistosa” e mais restritiva ao grupo de amigos, alguns dos estudantes do terceiro ano negociam a relação com o saber através do jogo escolar, isto é, eles são livres para competir entre si. De forma geral, essa competição ocorre entre aqueles jovens que já possuem uma trajetória escolar entre aqueles que a não tiveram. Portanto, percebemos que esses últimos manifestam atitudes de solidariedade, de apoio mútuo, tendo em vista a conclusão do ensino médio. Todavia, alguns desistem de “aprender” e buscam, sobretudo, alcançar apenas a nota. A pesquisa nos revelou ainda a existência de novas desigualdades relacionadas ao saber escolar, gerando, com isso, um fenômeno que nomeamos como *desistência relacional com a aprendizagem*. Esse fenômeno manifesta de forma implícita ocasionando a seletividade escolar, resultando com isso situações de fracasso social e escolar que incidem, principalmente, sobre o novo público de jovens estudantes do Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino Médio – jovens – saber escolar

¹ Doutora em Educação pela FAE/UFMG, professora do Curso de Pedagogia da FCH/FUMEC.

² Doutorando em Educação pela FAE/UFMG, professor do Curso de Pedagogia da UEMG.

Introdução

Este artigo resulta de análise parcial da pesquisa³ realizada sobre as desigualdades e desempenho escolar no processo de escolarização de jovens estudantes do Ensino Médio na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O debate sobre a necessidade de universalização do ensino médio, que historicamente atendia aos jovens oriundos das elites econômicas, tem mobilizado um número crescente de educadores e formuladores de políticas públicas. A recente expansão das oportunidades escolares desse nível de ensino recoloca questões e dilemas sobre o processo de escolarização dos jovens: quem são os novos sujeitos que tem tido acesso ao Ensino Médio (EM)? Esses jovens estão aprendendo? O ingresso das camadas populares provoca uma crise na escola – muitos são matriculados, mas poucos aprendem. Na perspectiva de Charlot (2009) é preferível uma escola em crise que atenda aos jovens que anteriormente não tinham acesso.

No intuito de traçar o perfil dos novos sujeitos que freqüentam o ensino médio e a relação desses com o saber escolar, realizou-se uma pesquisa qualitativa nos anos de 2010 a 2011, em uma escola da rede estadual localizada na região norte⁴ de Belo Horizonte que teve como procedimento de coleta de dados a observação de 2 salas de aulas (turmas do 1º e 3º ano), entrevistas semiestruturadas (8 jovens) e estruturada (262 alunos). A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão da realidade para apreender os fatos ou fenômenos, e não somente registrá-los ou descrevê-los. Ela responde a questões muito particulares, estudando um nível da realidade que não pode ser quantificado, trabalha “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21-22). Dessa forma, a intuição, a subjetividade e a exploração têm lugar na pesquisa qualitativa.

Nesse sentido, buscamos entender como os diferentes perfis dos jovens estudantes estabelecem relações com o saber escolar. A relação com o saber (CHARLOT, 1996; 2000; 2001; 2005), constitui a noção central da análise deste artigo, uma vez que o enfoque dado recai sobre a função social e, específica da escola, de transmissão do saber intelectualizado, o

³ Cf. PAULA, 2012.

⁴ A Região Norte encontra-se diante de duas situações conflitantes: bairros com infra-estrutura urbana e habitados por grupos de maior poder aquisitivo contrastam com bairros e vilas habitados por uma população empobrecida, com condições mínimas de moradia; o desenvolvimento desordenado na região provocou a ocupação de áreas inapropriadas para habitação e foram erguidas moradias em morros e áreas íngremes e às margens de córregos, com elevado risco para esses moradores.

que pode gerar desigualdades, visto que o público diverso e heterogêneo que hoje está presente no processo de escolarização se relaciona com o saber de forma diferenciado.

Ao analisar a relação com o saber escolar de jovens estudantes do ensino médio, percebemos que as turmas do primeiro e do terceiro ano se diferenciam. Enquanto os estudantes do primeiro ano buscam com mais afinco a “sobrevivência” até o segundo ano do ensino médio, relacionando-se com seus pares de forma menos competitiva, percebe-se em contrapartida que os estudantes do terceiro ano negociam a relação com o saber através do jogo escolar, isto é, eles são livres para competir entre si. No jogo escolar, a competição ocorre de forma desigual, sobretudo para os novos estudantes do ensino médio que, por vezes, desistem de “aprender”, gerando, com isso, um fenômeno que nomeamos como *desistência relacional com a aprendizagem*. Esse fenômeno manifesta de forma implícita ocasionando a seletividade escolar, resultando com isso situações de fracasso social e escolar que incidem, principalmente, sobre esse novo público de jovens estudantes do Ensino Médio.

O artigo está organizado em duas seções. Na primeira, contextualizaremos o *locus* e os sujeitos da pesquisa. A partir dos elementos discutidos, na segunda seção, analisaremos em que medida o ambiente educativo é favorável à aprendizagem dos jovens estudantes do ensino médio bem como se ele é propício à promoção e/ou redução dos sintomas do fracasso escolar. Em seguida, apresentaremos as considerações finais trazendo os principais achados sobre as relações com o saber escolar de jovens estudantes do ensino médio.

1. A escolarização dos jovens: quem são os atuais estudantes do Ensino Médio?

Um primeiro aspecto a ser analisado sobre a escolarização dos jovens diz respeito a uma conquista legal no Brasil, quando a educação passa a ser direito de todo ser humano legitimada pela Constituição Federal (CF) de 1988. A CF garante, por meio da Emenda Constitucional, nº 14 de 13/09/96, a “[...] progressiva universalização do Ensino Médio gratuito” (CF 1988, art. 208, II), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9394/96-LDBEN) acrescenta às premissas constitucionais o dever do Estado de garantir a oferta de vagas e a responsabilidade dos pais pela permanência dos filhos na escola.

Pensando na escolarização desses sujeitos, a LDBEN reafirma o direito à igualdade e traz, ainda, um aspecto inovador: o acolhimento às diferenças relacionadas à etnia, idade, experiência e necessidades especiais. O direito à educação escolar coloca em questão a especificidade do direito à diferença, em que se mesclam as questões de gênero, condição social e credo, entre outras. Nesse sentido, as considerações legais de certa forma incentivam

a redução das discriminações, podendo auxiliar na emancipação de muitas pessoas (CURY, 2002).

A CF e a LDBEN 9394/96 instituem a obrigatoriedade de o Estado oferecer uma educação com qualidade para todos, e as prescrições legais buscam garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais. Contudo, mesmo com essas conquistas formais, grande parte da população, especialmente jovens e adultos, está marginalizada dos avanços culturais. Os agentes políticos reconhecem a importância de responder a esta dívida social, mas existe a necessidade de ampliação dos recursos materiais e financeiros disponíveis para que se tenha condições de atendimento a toda a população de 15 a 17 anos (KRAWCZYK, 2008).

Nesse contexto, o ensino médio na região metropolitana de Belo Horizonte tem passado por um processo de expansão, atendendo a um público diverso e heterogeneo (PAULA, 2012). Ao buscarmos caracterizar este publico, apresentaremos a seguir, a escola pesquisada e o resultado do perfil dos jovens que a frequentam no turno da manhã.

A instituição escolar na qual a pesquisa foi realizada pertence à rede estadual de ensino, funciona em três turnos: manhã, tarde e noite, possui aproximadamente 1.920 estudantes e 72 professores. O estudo foi realizado no turno da manhã no qual trabalham aproximadamente 21 professores lecionavam em 16 turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio. Nesse turno, o número de alunos no ano de 2010, pelos registros da secretaria escolar, era de 606 matrículas, sendo que 318 no primeiro ano, 180 no segundo e 109 no terceiro. Verificamos que 448 estavam freqüentes no mês de outubro: 223 do primeiro ano; 136 do segundo e 89 do terceiro. Destes, fizeram parte da amostragem na aplicação de entrevista estruturada, 262, alunos. Vejamos o perfil dos jovens estudantes do turno matutino distribuídos pelas turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio que responderam à entrevista estruturada.

Ao traçar um perfil dos jovens estudantes da escola investigada tem-se a intenção de trazer elementos que possibilitem situar que jovens existem por trás da imagem do aluno. Pretende-se revelar dimensões dos sujeitos reais que vivenciam a condição de alunos do ensino médio no turno matutino. Tendo ciência de que não podemos falar de alunos em geral, faz-se necessário caracterizar o jovem a partir de dados pessoais e familiares, de suas condições de vida, de trabalho e da classe à qual pertence. Busca-se uma compreensão específica dos sujeitos presentes no espaço escolar, que possibilite constatar as diferenças e as aproximações existentes, ou seja, a diversidade do “novo” público do Ensino Médio (EM), recente desafio para a instituição escolar (CORTI, 2009, DAYRELL, 2007 e ZIBAS, 2008).

Pudemos constatar que a maioria dos jovens encontra-se na faixa de 15-17 anos, estão no primeiro momento da juventude – são adolescentes - o que traz especificidades devido à proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e à participação em políticas específicas, como o Bolsa Escola. Parte significativa deles constituem uma parcela da população juvenil que tem tido maiores oportunidades educacionais - eles já são uma elite.

A juventude é uma etapa da vida que se encontra entre a infância e a fase adulta. Possui diferenciações internas como, por exemplo, a própria coorte de idades. Os mais jovens (com idade entre 12 e 15 anos) apresentam características e vivências bastante diferenciadas daqueles com mais idade (de 20 a 29 anos). O período da juventude é marcado por dois momentos: a adolescência, como primeira fase e a juventude propriamente dita, referindo-se à fase posterior, de construção de trajetórias de entrada na vida social. Essa distinção contribui para o aprimoramento do conhecimento sobre os jovens, descobrindo as demandas, interesses e necessidades de cada momento (CORTI e SOUZA, 2005).

A juventude é uma categoria socialmente construída e ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Essa é outra diferenciação – não podemos falar de juventude em geral, mas de juventudes, visto que esta fase é

[...] marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc), de gênero e, até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história (DAYRELL, 2007, p. 6).

Isso explicita a singularidade deste público adolescente, primeiro, porque nos propicia algumas reflexões sobre a forma como pais, educadores, elaboradores de políticas públicas e a sociedade, de modo geral, constroem representações sobre ele. É um tempo no qual há mudanças nas relações com a família e com a escola marcado, às vezes, pelo conflito com o mundo adulto, representado pelos pais e professores. Também é um período em que o jovem, ao buscar sua autonomia, adquire novas responsabilidades, desenvolve sua capacidade de julgamento e constrói novas formas de pensar e de ver as relações sociais e familiares, com o grupo de pares e com a própria sociedade. Essas características precisam ser consideradas nas relações dos educadores e da própria escola com os jovens adolescentes.

Quanto ao sexo, verifica-se um maior percentual de jovens do feminino como estudantes do diurno, indicando que as mulheres tem tido maior longevidade educacional. A

autodeclaração de cor/raça manifestou um significativo pertencimento à parda e preta o que pode ser efeito das ações afirmativas⁵ e do próprio reconhecimento de si como negro.

A configuração familiar revela que a maioria dos jovens reside com os pais na condição de filhos. Chama atenção os arranjos familiares uniparentais e o fato de parte dos jovens residirem com outros parentes tais como avós, tios e padrinhos. Outra característica da configuração familiar é a redução do número de irmãos, o que pode gerar maiores investimentos familiares.

A investigação sobre a classe econômica⁶ a que pertencem os jovens mostrou que a maior parte dos alunos compartilhava de condições econômicas semelhantes. Os grupos com menor número de alunos estão nos extremos D e A2. Os extremos revelaram a desigualdade econômica familiar dos jovens presentes no espaço escolar, o que sugere um relativo desafio para a escola.

O capital cultural da família foi apreendido pela escolaridade dos pais, a quantidade de livros existentes na residência e o acesso às TICs, priorizando-se o computador e a internet. Percentual significativo dos pais tem escolaridade inferior ao Ensino Médio completo, seus filhos têm, desta maneira, possibilidades de superarem a escolaridade dos mesmos. Tais dados reforçam as análises sobre a expansão da escola no Brasil, pois grande parte destes alunos pode ser a primeira geração a concluir o Ensino Médio, o que caracteriza um aumento intergeracional do nível educacional com mobilidade positiva, interferindo nas trajetórias escolares dos jovens estudantes.

Ao analisar a relação dos jovens estudantes com o trabalho, verificamos que, mesmo entre jovens com idade prevista para o nível de escolarização ocorre a permanência da condição de trabalhador e estudante. A idade de inserção do jovem no trabalho está aquém da prevista na legislação (16 anos). Um percentual de homens e de mulheres que se inseriram no mercado de trabalho o fizeram entre 11 e 15 anos. A maioria é do sexo masculino, negros e, prioritariamente das classes econômicas C1 e C2/D. Isso revela que a inserção precoce no trabalho está relacionada às desigualdades econômica, de cor/raça e de gênero.

No estudo realizado não somente as desigualdades econômicas tensionam a instituição escolar pesquisada, mas as de cor/raça e de gênero. O perfil dos jovens estudantes do turno

⁵ De acordo com o jurista Joaquim Barbosa Gomes, as ações afirmativas podem ser definidas como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego (GOMES, 2001).

⁶ Como o estudo foi realizado antes das alterações no critério efetuadas em abril de 2011, utilizamos a pontuação de 2008 que considerava a renda média familiar (valor bruto em R\$): A1 – R\$14.366,00; A2 – R\$8.099,00; B1 - R\$4.558,00; B2 R\$2.327,00; C1 R\$1.391,00; C2 R\$933,00; D R\$618,00 e E R\$403,00.

matutino apresentou evidenciou a diversidade juvenil. Estes são jovens, em sua maioria, que como um mosaico colore o espaço escolar e coloca muitos desafios na constituição da relação com o saber.

2. A relação com os saberes escolares observada nas turmas 102 e 302

Os estudos da sociologia da educação sobre o sucesso e o fracasso escolar revelaram que o sistema de ensino reproduz as desigualdades sociais, econômicas, raciais e políticas, assim como as diferentes classes socioeconômicas apresentam diferentes relações com o saber, com o poder e com a cultura. A indagação sobre quais relações o novo público presente no espaço escolar estabelece com o aprender advém da consideração do saber como questão central na escola, como nos adverte Charlot:

não se deve esquecer que a escola é um lugar onde há professores que estão tentando ensinar coisas para os alunos e onde há alunos tentando adquirir saberes. Aí está uma definição fundamental da escola. Estou falando do saber no sentido mais geral, que inclui imaginação, exercício físico, estético e sonhos também. Mas a escola é um lugar de saber e isso é muito importante (CHARLOT, 2005, p.65).

Na experiência escolar o estudante tem que enfrentar a questão do saber, que pode ter reflexos no seu relacionamento com outros jovens, com a escola e com seus professores. Por isso é importante que a escola, como espaço de conhecimento, mantenha uma reflexão sobre as relações entre aquisição de saberes e as interações entre os jovens. Na perspectiva de Charlot (2005), em uma escola na qual os estudantes sentem prazer por estudar e aprender as relações são mais apaziguadoras.

A noção⁷ de relação com o saber propõe duas definições para este tipo de investigação. A primeira determina que “[...] a relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender [...]”, e a outra considera que

a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito estabelece com um objeto, um ‘conteúdo de pensamento’, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., relacionados de alguma forma ao aprender e ao saber – consequentemente, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a atividade no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo, como mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (CHARLOT, 2005, p.45.)

⁷ Nesta seção tomaremos como referência a relação com o saber escolarizado dentro da noção da relação com o saber, e, não como objeto de investigação central o que exigiria uso de metodologia específica e aprofundamento teórico referente a esse campo de investigação.

Apesar da amplitude do conceito, neste artigo abordamos somente a relação com os saberes escolares, não realizando, assim, uma investigação sobre a história de vida e os aprendizados dos sujeitos nesse processo, como o faz o pesquisador que toma a relação com o saber como objeto central de estudos. Contudo, é necessário justificarmos o interesse pela compreensão das relações que os jovens estudantes estabelecem com o saber, uma vez que esta nos fornece indicações para “[...] se compreender a desigualdade social perante a escola” (Charlot, 2005, p.38). A questão da relação com o aprender e do fracasso ou sucesso escolar dá-se nas histórias singulares, por meio das quais o sujeito se constrói através de referência a um contexto social.

Ao ser questionado sobre as dificuldades encontradas em seu processo de escolarização no terceiro ano do ensino médio, o aluno Frederico⁸ (302) explicita, conforme salienta Charlot, que a dificuldade é aprender...

Então eu acho tudo muito fácil porque a dificuldade maior é realmente no aprender. Porque tem uma diferença no aprender e o ser aprovado. Você pode ser aprovado sem aprender nada. Então, pra mim ser aprovado foi fácil, mas aprender realmente foi difícil. (Frederico, 3º ano, 2010).

Em contrapartida, já o jovem do primeiro ano (102) entende que a relação com o saber é estabelecida através do resultado escolar expresso pela nota.

(...) porque sua nota... quanto mais alta você vai tendo a nota, mais aprendizagem você tem conseguido... mais aprendizagem. Porque menor a sua nota você vai ter menos aprendizagem que os outros que tem mais... maior nota. (Magdo Helder, 1º ano, 2º sem/2010)

O interesse dos jovens estudantes tanto da turma 302 quanto da 102 em aprender, o sentido do conteúdo, da escola e dos docentes alia-se ao sentido pessoal que se enraíza na vida individual e social. A singularidade da história pessoal dos estudantes e de suas relações sociais e familiares dá sentido a sua relação com o saber. Diante desse quadro é possível verificar que em ambas as turmas observadas os jovens estudantes mobilizam o seu interesse na relação com o saber de forma diferenciada. Conforme visto, há uma correspondência direta entre a obtenção da nota e a aprendizagem para o jovem que se encontra no primeiro ano. Ao contrário, do que acontece com o jovem do terceiro ano, que para ele essa correspondência não se dá de forma automática.

Além dessa variação de sentidos sobre a relação com o aprender estabelecida entre os jovens estudantes e a escolarização do ensino médio, em ambas as turmas, foi recorrente

⁸ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios por motivos éticos.

perceber a observância de como a relação com o saber, com o outro e consigo mesmo articula-se com a produção do fracasso e do sucesso escolar. Com efeito, ao analisamos que uma parte significativa de jovens estudantes considerados “fracassados” com relação a aprendizagem escolar, são àqueles os novos sujeitos presentes no ensino médio que por não possuírem uma trajetória de tradição da cultura escolar, têm dificuldades em acompanhar a linguagem acadêmica docente e as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Na comparação entre a realidade observada no 1º e no 3º ano, com vistas a investigar se a relação com o saber produz desigualdades deparamo-nos com aspectos que perpassam o fenômeno desistência relacional com a aprendizagem que pode ser considerado como um sintoma do fracasso escolar. O entendimento desse fenômeno, portanto, instiga-nos a compreender as novas desigualdades em que toca o nosso trabalho.

A reflexão sobre a relação com o saber escolar dos novos alunos do ensino médio revelou dificuldades de aprendizagem e a desistência em aprender, de forma velada ou explícita, por parte de alguns deles. Neste sentido, foi possível constatar a partir das diferentes apropriações que os jovens estudantes estabelecem com a aprendizagem escolar do ensino médio decorrem novas formas de seletividade do novo público. A primeira dela se refere às desigualdades sociais, econômicas e culturais são replicadas na relação com o conhecimento escolar. Outra diz respeito a não permanência de vários jovens até o término do ensino médio, devido especificamente a relação que os mesmos estabelecem com o saber. Por fim, é que toda a discussão sobre a relação que o jovem estudante estabelece com o saber ainda não faz parte de uma reflexão mais sistematizada dos profissionais da educação que atuam esse nível de ensino.

Considerações Finais

O recente acesso do novo público ao Ensino Médio tem desafiado os professores e a instituição em relação à garantia do direito de acesso ao conhecimento escolar e à permanência neste nível de ensino. A realização desta pesquisa nos revelou que as relações com o saber dos jovens das turmas do primeiro e do terceiro ano se diferenciam. Enquanto os estudantes do primeiro ano buscam com mais afinco a “sobrevivência” até o segundo ano do ensino médio, percebe-se em contrapartida que, os estudantes do terceiro ano negociam a relação com o saber através do jogo escolar, isto é, eles são livres para competir entre si. De forma geral, essa competição ocorre entre aqueles jovens que já possuem uma trajetória

escolar entre aqueles que a não tiveram. Percebemos, portanto que esses últimos manifestam atitudes de apoio mútuo, tendo em vista a conclusão do ensino médio.

Contudo, percebemos que em ambas as situações analisadas, a relação com o saber é definidora para a mobilização dos jovens para a aquisição da aprendizagem escolar. Deste modo, para um grupo de jovens estudantes, do primeiro ano, há uma correspondência direta entre a obtenção da nota e a aprendizagem. Já para outro grupo de jovens estudantes do terceiro ano essa correspondência não se dá de forma automática. Há que se verificar quais são as relações com o saber que estão em jogo no processo de ensino e aprendizagem. Principalmente, em se tratando do ensino médio em que está em xeque a permanência ou não nesse nível de ensino.

O fato que corrobora com a afirmação acima foi identificar a existência de formas de desigualdades sociais, econômicas, culturais, etc., que ainda persistem no interior da escola pesquisada. A persistência dessa desigualdade encerra por produzir situações de fracasso escolar que, de maneira geral, recaí, sobretudo aos novos sujeitos estudantes do ensino médio. Foi possível identificar que para essa primeira geração a cursar esse nível de ensino que várias são as estratégias exigidas a esses indivíduos a desenvolverem ante a relação com o saber. Todavia, no percurso inicial e final da escolarização da escola média vários são os jovens estudantes que desistem de “aprender” e buscam, sobretudo, alcançar apenas a nota ou cumprir o seu ofício de estudante para conseguir a sua promoção por meio da aprovação escolar.

A pesquisa nos revelou ainda a existência de novas desigualdades relacionadas ao saber escolar, gerando, com isso, um fenômeno que nomeamos como *desistência relacional com a aprendizagem*. Esse fenômeno manifesta de forma implícita ocasionando a seletividade escolar, resultando com isso situações de fracasso social e escolar que incidem, principalmente, sobre o novo público de jovens estudantes do Ensino Médio.

Referências bibliográficas:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). *Critério de classificação econômica Brasil*, 2009.
- BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*, Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 out 1988.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

- CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação de professores e globalização*. Porto Alegre, Artmed, 2005
- CHARLOT, B. *Os jovens e o saber: perspectivas mundias*. Porto Alegre: Artmed, 2001
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000
- CHARLOT, B. *A relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Caderno de Pesquisa. São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio/1996
- CORTI, A. P. Uma diversidade de sujeitos: juventude e diversidade no ensino médio. In: DAYRELL, J. (Org) *Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. MEC/Salto para o Futuro, 2009
- CORTI, A.P.; SOUZA, R. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: 2005, p.224.
- CURY, Carlos Jamil. *Direito e educação: direito à igualdade e direito à diferença*. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, n. 116, p.245-262, jul. 2002.
- DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização da juventude. In: VIEIRA, Maria Manuel (Coord.). *Actores educativos: escola, jovens e media*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007
- GOMES, J.B. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/21672-21673-1-PB.pdf>. Consulta em 09/09/2010
- KRAWCZYK, Nora. *O ensino médio no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2009 (Em Questão, 6)
- MINAYO, M.C.S. (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994, 24ª edição.
- PAULA, S. G. *Desigualdade e desempenho escolar no processo de escolarização da juventude: uma análise contextual sobre a expansão do ensino médio na região metropolitana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2012 (Tese de doutorado).
- ZIBAS, Dagmar. *A reforma do Ensino Médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas*. Revista Brasileira de Educação, nº. 28, 2005, p 24-36.
-